

Estremadura

Jeremias Zunguze,
Universidade de California, Berkeley

Desceram o caminho sussurrando e ofegando custosamente. O Incomati estava escuro, espírito de mamba quieta. Bafo denso de lama e água embevecia o meio. As ervas rasteiras, os densos arvoredos, um e outro arbusto, tudo se misturava naquele pano de escuridão crepuscular. Desceram, sopro de sonho leve, fogo que flameja. Viriam um dia carregados de malas, móveis e roupas de luxo; guiados de rodas ou asas que cortam o vento em vôos velozes. Atrás, a estrela da manhã era que nem lágrima gotejante.

Aconchegaram-se ao rio onde as águas estavam rasas. O guião murmurou alguma coisa que não se podia compreender. Afastou-se deles, extraiu algo do bolso, uma garrafinha. Ajoelhou-se sobre a margem, deitou um líquido escuro na mão dele, borrifou-o no rio adentro. Fechou os olhos e rezou.

“O caminho está escuro, mas....” Sussurrou.

Arregaçamos as calças, pusemos as mochilas nas costas. O chacoalhar das águas rebateu o silêncio, mal que afundamos os pés. O rio nos foi subindo gradualmente – os joelhos até à cintura, numa frieza cortante – assim que íamos cruzando em renque, o guião afrente, Castigo e Azaria

no meio, eu no último. De repente, um leve ar de arrepiar o corpo rasou o meio. Foi quando então perguntei ao Guião se ali não havia nada, bichos d'água, coisa assim. Ele calou, parecia que até mordía os dentes como se não tivesse ouvido aquela voz agoirenta. Suave, o Incomati guiava seu corpo aquoso para o Índico.

As águas pesando os pés, me lembrei como tínhamos deixado Maputo para trás. Naquela marcha tínhamos testemunhado ruína de guerra: ruas esburacadas, destroços de casas, uma e outra incendiada, outra abandonada. Imaginei como minha vida se tinha desarranjado, terra sem trabalho, mãe que fazia pão do dia no bazar, pai levado pela guerra. Eu não queria nem olhar para trás, para aquele desalento. Ganhei fôlego para andar mais.

Outro calafrio pungiu o meio. Olhei para o lado onde o rio se alongava no infinito escuro. Um ente cortava o outro sentido do rio. Dei atenção para aquela silhueta que andava sobre a água. Aparentava ter cabeça, tronco e membros do humano. Espiei aquela coisa que se perdeu no escuro. Apressei-me para ficar à escolta de um companheiro. Senti que o impulso da corrente mudava, como se as águas ganhassem mais densidade. De súbito era como se eu entrasse na boca pastosa de um bicho. Soltei um grito agudo, minhas mãos chapinhando. O pânico turvou o meio. Ouvi o Guião gritando para aqueles gajos, que dessem fora, algo assim, já. Me agarrei a uma planta fluvial que andava por ali, puxei. Me dei conta que aquele caniço tinha ficado preso em minhas garras. Evoquei meu pai, meus surdos defuntos. De quando em vez eu bebia o rio, cuspiam, expelia. Gritava a cada vez que minha boca dava fora, as águas me abafavam. A pouco e pouco eu rendia, ia perdendo a cor do crepúsculo, me dava à boca daquele bicho. Bati a lodo pastoso do fundo, despi-me do corpo, fiquei leve que nem o ar em movimento.

Aqueles gajos deram na outra margem, arfando, gatinhando na ribanceira, quase desprovidos de ar. O rio recolheu o manto do seu silêncio. Tudo voltou à sua monotonia. Sentaram-se sobre alguma coisa intumescida por ali, uma duna. As ervas rasteiras, os arvoredos verdes, as raízes, os arbustos já começavam a revelar as suas cores congénitas. Aquele homem da frente disse que se aconchegassem na beira. Eu podia entrever suas sombras trémulas reflectidas no fundo daquele leito onde meu corpo se afundava. Nem gota de sangue que tingisse a margem podiam enxergar. Um deles falou alguma coisa apontando para uma distância. Um trapo se agarrava na cana que rebentava do rio adentro.

Reconheceram a minha camisa. Imaginaram como eu tinha lutado com minhas mão e dentes, como eu tinha agarrado numa planta como aquela para me salvar. Só um deles enxugou duas lágrimas que lambiam sua face. Aquele fora meu irmão.

Falaram que era meio-dia. Eu divagava naquele ar que soprava quente. A planície se esparramava até onde os olhos desconsigliam enxergar. Naquela zona seria frequente ver um bicho esquisito em fuga distante, um antílope, uma cobra a rastejar. Não havia nada ali, senão carcaças de bestas espalhadas naquele sol. O capim escuro cheirava a queimadura. Aquele homem abriu a boca dele.

“É aqui.”

Era um arame farpado que apartava a terra. Se estendia de um e de outro lado desmedidamente. Dividia a terra indivisível. O outro lado parecia face de outra terra, fora deste mundo, um pedaço que caíra da lua, algo assim. O verde das ervas rastejava como cobras no chão. Havia ali um atrapalhado vestígio de pegadas de gente e de bestas. O arame cortado e entreaberto. Aquele homem murmurou outra coisa. Trocaram meticais e despedidas quando o sol fenecia.

As estrelas lacrimejavam. Não havia fala entre aqueles gajos, andavam sem olhar atrás, desbravavam o escuro. Os arbustos ganhavam outras formas, uns espantalhos, ou velhos despenteados. Aquela constante fuga de bichos até lhes dava medo. No distante um rugir de gato bravo, um expirar de algum mastodonte, um rasar de pássaro noctívago.

De repente, um eco se fez sentir, murmúrio de minha voz. Evoquei nomes daqueles gajos. Um deles disse que não olhassem para trás. Mas eu divagava no meu mundo ali com eles. Eu tinha perdido o tempo. E, eles andavam agora com os olhos lançados para frente quando as árvores, a ervas despíam o escuro.

O sol subia a curvatura azul. Sentaram debaixo de uma chafuta. A brisa parecia nascer ali mesmo debaixo daquela árvore selvagem. Tiraram as marmitas de comida, tapioca, *molina*, pão e água. Aquela brisa me afastava dali, tentei me agarrar naquelas árvores sem ter sucesso. Me deixei levar com aquela aura, me afastei para uma zona não recôndita dali quando aqueles dois se encostavam num tronco obeso.

Quando voltei aqueles dois não estavam ali. Segui o hálito de seus corpos. Só rasgões, rastos, restos e tinta de sangue que tingia as ervas verdes. Adiante, as vozes vinham desordenadas. Adejei para junto deles. Estavam em mãos de três gajos, armados e fardados de azul. Aqueles Bóeres davam coronhadas em qualquer parte de seus corpos. Faziam

perguntas inaudíveis, numa língua que eu tão-pouco entendia. Aqueles dois com os corpos quase desfigurados, camisas rasgadas, descalços. Um deles tropeçou numa raiz rasteira, fingiu que morria. Mas um daqueles três não parava de chambocar, até que ele resolveu se levantar sem ajuda de ninguém. Segui-os até onde minhas forças puderam. Os dois foram levados em carros gradeados para esse local que eu não podia seguir.

O ar me arrastava. Perdi noção de tempo, de lugar. Mas eu não queria voltar para trás. Imaginei como eu tinha despido meu corpo no rio, voado noites no mato, transitado até a estremadura. Pensei como tinha testemunhado o castigo daqueles dois. Eu era outro ente, algo assim, não queria voltar para trás. Me lembrei como a voz do homem da frente disse – seguem o caminho do sol até onde a luz cair. Eu me enlevava no uivar daquele vento, para frente, para trás, para o alto, para baixo. O verde se borrava na dimensão daquele espaço. Uma e outra casa velha iam despontando, uma sucata, uma criatura, uma alma, um cemitério. Eu viria um dia guiado de rodas, carregado de móveis, aparelhos; ou mesmo viria guiado de asas que cortam o vento em vãos velozes.

Jeremias Zunguze, natural de Moçambique, é estudante de Literatura Latino Americana na Universidade de California, Berkeley. Para além de alguns idiomas europeus –Português, Inglês, Francês e Latim– ele fala também algumas línguas e dialectos moçambicanos nomeadamente: Xitswa, Bitonga, Xangane y Chopi.